

## FUTEBOL: O PÃO E CIRCO MODERNO?

Jogos sempre estiveram presentes na humanidade, e na sociedade romana isso não foi diferente, pois existiam no império os jogos realizados nos anfiteatros, que ficaram conhecidos como “pão e circo”, que eram uma válvula de escape para a população romana, a maioria dos soberanos animava-o e organizava-o, a plebe alimentada e distraída assegurava um controle e o regime inibia qualquer tentativa de revolução social, considerando as inúmeras guerras de expansão, ou de defesa - fato que deve ter influenciado na criação do “pão e circo”.

A cidade de Roma se transformou em parte pelos “prêmios” que os generais vitoriosos recebiam e para isso os pequenos proprietários perdiam suas terras – além daqueles que eram convocados à guerra, não podiam cultivar e se endividavam, ou seja, as classes sociais se afastavam – os ricos tinham o poder nas mãos e os camponeses perdiam suas terras, por isso a cidade de Roma recebia enorme população de falidos e desempregados; vendo isso as autoridades passaram a controlar os ânimos distribuindo alimento e diversão (CANTELE, s/d, p.107).

O pão e o circo está intimamente ligado ao modo de circulação das riquezas na sociedade antiga e constitui uma forma de redistribuição de uma parte do subproduto monopolizado pelos dominantes. (BOURDE; MARTIN, 1983, p.147).

O pão era distribuído durante os espetáculos realizados em grandes anfiteatros – vale ressaltar que estes eram muito populares em Roma, entre eles, o mais famoso é o Coliseu, ou Anfiteatro Flávio. O *Colosseum*<sup>1</sup>, quando foi construído – no ano 80 de nossa Era pelo Imperador *Titus Flavius Vespasianus* e seus filhos Tito e Domiciano, em sua construção foi utilizado mármore, pedra travertina, ladrilho, tufo e cinzas do vulcão Vesúvio, tinha capacidade para 50.000 espectadores e possuía três anéis de assentos, foi construído em apenas 12 anos.

---

<sup>1</sup> Recebeu este nome devido a colossal estátua de Nero que ficava ao seu lado – grande anfiteatro circular que possuía altura equivalente a um prédio de quatro andares - 48,50 metros de altura, e se espalhava por seis acres de terra - 524 metros de perímetro, era munido de inúmeras entradas – 76 ao todo sendo que 6 eram reservadas para a “elite”, rampas e escadarias, dispunha de assentos de mármore e uma grande cobertura para o sol: *velarium* (SAVELLE, 1971, p. 308), que se necessário era aberta sobre a cabeça dos espectadores.

Era palco para inúmeros espetáculos: lutas de feras entre si, lutas de feras contra gladiadores – *venationes*, lutas de gladiadores entre si – *ludi gladiatorii*, competições de bigas e quadrigas<sup>2</sup>, batalhas navais – naumaquias e reconstituições de grandes feitos mitológicos, e foi utilizado por aproximadamente 500 anos; em seu interior havia a separação de assentos conforme a classe social: o *podium* para a classe alta; *maeniana* para a classe média e o *portici* para a plebe e as mulheres. A tribuna imperial – *pulvinar* – situava-se no *podium* e abaixo se encontravam os assentos dos senadores e magistrados.

Os gladiadores eram, porventura, os maiores astros dos anfiteatros - surgiram no século III a.C. como um ritual reservado nos funerais, eram no máximo 6 lutadores e somente a *posteriori* esse evento ganhou dimensões gigantescas, eles eram em sua maioria prisioneiros provindos de guerras, mas também podiam ser recrutados entre escravos, condenados e voluntários que se tornavam “profissionais de arena” em escolas especiais de gladiadores administradas por ex-gladiadores, onde treinavam com o *rudus* – espada de madeira, após a “formatura” os gladiadores eram divididos em classes

Os jogos eram anunciados por cartazes e programas, e abertos com desfile, onde o Imperador era saudado pelos gladiadores com as palavras: *Ave, Caesar, Morituri Te Salutant*, ou seja, “Ave César, os que vão morrer te saúdam”. Ao som de trombetas começavam os combates; um ferido prestes a morrer poderia pedir misericórdia da plebe estendendo a mão esquerda para o estrado oficial, conforme a reação da multidão o Imperador levantava ou abaixava o polegar, no primeiro caso o gladiador era poupado, já o segundo - *pollice verso* – representava a morte.

Esses jogos influenciavam de tal forma a vida do romano que até as crianças se apaixonavam pelo espetáculo, não raro nos subúrbios da cidade de Roma se via uma criança com lança em punho a caçar um animal pequeno, e/ou pombos, bodes, gansos e cachorros puxando crianças em seus carrinhos, fazendo clara alusão às competições de bigas e quadrigas assistidas com muito entusiasmo pelos adultos; Nas casas podiam-se encontrar pinturas representando as cenas do Coliseu, ou seja, os espetáculos sangrentos realizados nos anfiteatros eram transformados em “objetos de arte”.

---

<sup>2</sup> Anexo: Biga: carro romano puxado por dois cavalos; Quadriga: carro romano puxado por quatro cavalos.

O motivo que levou ao término dos jogos é um mistério, pois pode ter sido por causa da nova religião do Império – o cristianismo, ou então devido ao auto custo dos jogos – que o governo em decadência não conseguia mais financiar, só uma coisa é certa em 410 d.C. o Império Romano do Ocidente “cai” e com ele os dias de glória do Coliseu, atualmente as ruínas existentes na cidade de Roma – Itália representam apenas 33% do que outrora foi o anfiteatro.

A História do Império Romano é fascinante, a transformação de uma simples e tosca aldeia as margens do rio Tibre em um poderoso e – praticamente – invencível Império, mas antes uma Monarquia e uma República e que através da diplomacia e/ou das armas se transformou em Capital do Mundo, soube conviver e respeitar as diferenças culturais, porém, esta magnífica sociedade tem em seu legado algo que entristece qualquer pesquisador: a *ludi gladiatorri*, através destes espetáculos a plebe era iludida com mortes um tanto desnecessárias, ou seja, o “regime” era mantido por meios de assassinatos legalizados e organizados pelo Estado.

O *panis et circenses* no Mundo contemporâneo é menos brutal e mais lícito, torna-se um divertimento que pode ser considerado programa familiar, o futebol que de origem nobre se tornou o esporte mais popular do planeta, e que governos – especialmente ditaduras – utilizaram este esporte para manter seus regimes.

Dentre os inúmeros jogos com bola, o futebol se destaca sendo o mais aceito e praticado do mundo, mobilizando dezenas de milhões de pessoas – e de dólares - profissionalmente, e várias centenas de milhões emocionalmente nos cinco continentes – além de ser um esporte de baixo custo a seus praticantes, pois desperta o espírito infantil em homens adultos a ponto de existirem pessoas que colocam o futebol no centro de suas vidas.

No século XIX – o futebol moderno - sofreu inúmeras transformações, principalmente no que se refere a suas regras, estas foram reformuladas segundo as necessidades e/ou imposições da sociedade industrial da época. A criação do futebol se deve em parte ao medo de guerras – o futebol era considerado uma guerra simbólica – e pela necessidade da elite britânica ter características próprias, capazes de representar sua cultura, fazendo que a Inglaterra alcançasse seu objetivo de tornar-se uma potência mundial, por isso foi empregado o que Hilário Franco Junior chamou de “*cristianismo atlético*” difundindo nas escolas e universidades um jogo com bola denominado de *football*.

No ano de 1885 houve a profissionalização do esporte - ou a participação de camadas populares, aumentando o tempo de treino e consequentemente o aumento da seriedade, igualando-se a do trabalhador industrial, assim o futebol se torna um produto de consumo e uma forma de acumulação de capital (REIS; ESCHER, 2006, p. 28).

Com a popularização do futebol foi necessário a construção de palcos apropriados – de arquitetura semelhante a dos anfiteatros romanos – denominados estádios, já que o futebol

[...] é um espetáculo coletivo que se torna ritualístico na medida em que se identificam os espectadores com o drama que se desenrola em campo. Os jogadores são como personagens de teatro com os quais nos identificamos ritualmente. E o campo na realidade, reúne dois grandes teatros de arena, sendo por isso um anfiteatro (*apud*. REIS; ESCHER, 2006, p. 47).

Considerando o pensamento marxista, pode-se considerar o futebol como o “ópio do povo”, pois ele funciona como uma verdadeira válvula de escape para tensões e ansiedades que de outra forma podem se tornar perigosas para a classe dominante, ele pode ser entendido como:

“Uma fuga do real, representação imaginária, não realidade em si, contudo ele não se diferencia nisso do teatro, do cinema, da literatura e das artes em geral. O futebol possui uma intensidade de adesão e um envolvimento emocional que o destacam.” (FRANCO JR, 2007, p.167).

Em meados do século XX – precisamente no ano de 1904 - foi criada a *Fédération Internationale de Football Association*, ou simplesmente FIFA, com o propósito de organizar competições internacionais de futebol, esse direito é regulamentado no artigo nono de seu estatuto original, o qual declara que a FIFA é “a única que tem o direito de organizar um campeonato internacional”.

Mesmo em um ambiente político e econômico conturbado que o mundo vivia, os Jogos Olímpicos continuavam a ser realizados em intervalos regulares de quatro anos, o torneio de futebol, com caráter amador, dava o *status* de “melhor do mundo” ao país vencedor. Receosa em perder o direito garantido em seu estatuto, em

1928 no Congresso da entidade, foi apresentada à proposta de organizar um torneio de futebol autônomo quanto as Olimpíadas.

Em 1930 foi realizada a primeira edição da Copa do Mundo de futebol, e desde então em todas as edições – como em todo evento importante - é exaltado um sentimento ufanista, assim no ano de 1978 foi realizado em solo argentino a XI edição do campeonato mundial de seleções da FIFA, na ocasião o selecionado local se sagrou campeão, fato que ainda desperta inúmeras desconfianças com relação a sua idoneidade tanto entre as “quatro linhas”, quanto fora delas.

Como o futebol é parte da identidade cultural da Argentina, foi - durante o governo do Brigadeiro General Juan Domingo Perón – um meio espetacular de propaganda do nacionalismo de sua política populista, desta forma o governo financiou reformas e/ou construções dos principais estádios argentinos, ou seja, o peronismo passou a utilizar o esporte – no caso o futebol – para valorizar o coletivismo que marcou seu governo. (SIMOES, 2006, p. 32), e o nacionalismo comum desses regimes.

O período militar começa no momento em que o governo argentino debatia se iria ou não organizar o mundial de seleções em 1978, uma comissão da FIFA chega a Argentina para vistoriar as obras para o evento, na ocasião o representante maior desta comissão declarou: *“a mudança de governo não tem nada haver com o mundial. Somos pessoas ligadas ao futebol e não a política”* (SIMÕES, 2006, p.24). O aumento de protestos contra o evento no Mundo era inevitável, foi criado um comitê pelo boicote da organização da Copa do Mundo.

Desde 1966 a organização do mundial ainda nada tinha feito, pois inúmeros membros do governo queriam que o país desistisse de sediar o torneio, exemplo claro disso é o então Ministro de Economia Martinez de Hoz utilizou como argumento os elevados custos para os cofres públicos, porém, o Almirante Massera se opôs a ele, pois acreditava que a expectativa pelo mundial iria distrair a população, isso seria acentuado se além de organizar a Argentina conquistasse o torneio de seleções, ou seja, os militares desejavam que o evento fosse grandioso para “alienar” tanto o povo, quanto os meios de comunicação argentinos.

Para que isso se realizasse o governo criou a ATC – Argentina Televisora Color, porém, os argentinos assistiram à transmissões em preto e branco, no fim das contas o governo platino gastou entre US\$ 520 milhões e US\$ 800 milhões,

contribuindo para o aumento da dívida externa daquele país. (SIMOES, 2006, p.27). Meses antes do início do torneio foi proibido criticar a organização.

Todo governo – e as ditaduras em especial - gasta muito em propaganda e na Argentina isso não foi diferente, uma vez que se criou uma campanha denominada de “*La Fiesta de Todos*” com o seguinte *slogan*: “*Veinte e cinco millones de argentinos por su selección*”. O novo técnico da Seleção César Luis Menotti conseguiu conscientizar todo o país que o selecionado local era prioridade nacional.

A organização do evento se transformou em um projeto político, pois era necessário restaurar a imagem do país abalada no mundo através da conquista da competição, ou seja, cabia a seleção argentina de futebol restabelecer a união nacional comprometida por perseguições da ditadura, além de o sucesso futebolístico compensar o insucesso no campo político-militar, pois Hilário Franco Jr. afirma que o futebol permite que um pequeno país se torne grande.

A cerimônia de abertura – realizada no estádio Monumental de Nuñez, foi marcada pela pompa militar que foi inevitavelmente comparada à estética nazista<sup>3</sup>. Neste mundial a adidas<sup>4</sup> estreou uma nova bola com desenho único, batizada de Tango<sup>5</sup>. Com a derrota para a Itália e o empate com o Brasil era necessário ganhar do Peru por uma diferença de no mínimo quatro gols para disputar a final e ao mesmo tempo “jogar” o Brasil para a disputa de terceiro lugar; ao término da partida em Rosário o placar mostrava 6X0 para a Argentina, fato este que até hoje provoca muita discussão. Com a vitória faltava apenas um jogo – contra a Holanda – para que os objetivos da Junta Militar fossem alcançadas. Chega o grande dia e Menotti teria feito a seguinte preleção:

“Rapazes, agora, quando sairmos ao campo de jogo, não olhem para as tribunas onde estão as autoridades, olhem sim para as arquibancadas. Lá estão as pessoas que sempre acreditaram em todos nós. Operários, padeiros, gente do povo. Não podemos desapontá-los. Vamos dar a vida numa partida” (SIMÕES, 2006, p. 46).

O jogo em si foi uma verdadeira batalha em busca da vitória e quando o arbitro apitou seu fim a Argentina se sagrava Campeã do Mundo de Seleções – ao vencer a Holanda por 3X1, desta forma os militares alcançaram seus objetivos. A

---

<sup>3</sup> Anexos: imagem 2.

<sup>4</sup> Fabricante de materiais esportivos.

<sup>5</sup> Anexos: imagem 3.

comemoração que começou no campo se expandiu para as ruas de Buenos Aires e se arrastou por toda aquela noite, onde a população viveu uma pseudo-realidade através da conquista da Seleção Argentina de Futebol.

Assim o governo militar argentino – da mesma forma que os imperadores romanos – conseguiram transformar os seus cidadãos em alienados sociais, ou seja, creem que podem mudar suas vidas quando bem entenderem, sem notar que são as instituições sociais – no caso a Junta Militar – que regem suas vidas, e que o evento esportivo foi um elemento aglutinador das massas e legitimador das atrocidades do regime militar argentino<sup>6</sup> – tão comum na América Latina daquele tempo.

Pode-se concluir este trabalho que visava um debate sobre a ideia de controle popular por parte do governo, num primeiro período na Roma dos “Césares” e *a posteriori* na ditadura argentina que vigorou de 1976 até 1983, focando o Mundial de Seleções da FIFA realizado naquele país em 1978.

A sociedade romana dominou o mundo antigo por aproximadamente 1.000 anos, durante este período construiu o maior Império da História da humana através das armas e da diplomacia, porém, essa expansão trouxe consequências sociais, para evitar revoltas os imperadores constantemente proclamavam jogos nos anfiteatros para entreter essa multidão, assim eram amados e temidos pela plebe. Entre os inúmeros espetáculos, o mais aguardado e adorado era a luta de gladiadores, ou seja, o Imperador melhorava sua imagem perante a plebe ao conjurar espanto e magia dentro da arena dos anfiteatros, a população ficava distraída e não ameaçava a ordem vigente.

No século XIX nascia na Inglaterra um esporte de caráter nobre que logo se transformou em popular, denominado futebol, através dele é possível extravasar todas as emoções humanas: alegria, desespero, etc. Por isso inúmeros governos durante o século XX se apropriaram dele para se legitimar. E para isso o meio mais eficaz foi a Copa do Mundo - no presente trabalho o mundial ocorrido em 1978 na Argentina, pois durante este torneio o sentimento ufanista se torna mais intenso, utilizado para “cegar” as pessoas da realidade em que estavam vivendo.

Em suma, nos dois períodos, os jogos populares foram utilizados como “armas” para alienar a população, deve-se esclarecer que entre o antigo e o moderno vários outros tipos de jogos foram utilizados de forma semelhante, e que não

---

<sup>6</sup> Deve-se deixar claro que a ditadura argentina iniciou-se em 1976 e terminou em 1983.

só o governo argentino, mas também outros governos latino americanos e europeus aproveitaram as conquistas futebolísticas de suas seleções para se legitimar no poder.

## REFERÊNCIAS

BLOCH, Raymond. **Origens de Roma**. Trad. Vicente Martins. Lisboa: Editora Verbo, 1971.

BOURDE, Guy; MARTIN, Hervé. **As Escolas Históricas**. Portugal: Fórum da História 4, 1983. p. 147.

CANTELE, Bruna. **História Dinâmica: antiga e medieval – 7ª série**. São Paulo: IBEP, s/d. p. 107.

FRANCO JR, Hilário. **A Dança dos deuses: futebol, cultura, sociedade**. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

GARRAFON, Renata Senna. **Gladiadores na Roma Antiga: dos combates às paixões cotidianas**. São Paulo: FAPESP, 2005.

GIORDANI, Mario Curtis. **História de Roma**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1968.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do Futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. Trad. Wanda Caldeira Brant Nogueira e Marcelo de Oliveira Nunes. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

MCDONALD, A. H. **Roma Republicana**. Trad. Maria dos Anjos L.V. Cardoso. Lisboa: Editora Verbo, 1971.

REIS, Heloisa Helena Baldy dos; ESCHER, Thiago de Aragão. **Futebol e Sociedade**. Brasília: Líber Livro, 2006.

ROSTOVTZEFF, M. **História de Roma**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.



SAVELLE, Max. **História da civilização mundial**. Trad. Milton Amado. 3 ed. Belo Horizonte: Lisa/Itatiaia, 1971. vol. – 1. pp. 245-317.

SIMÕES, Fábio Renato Moro Malerba. **Argentina 78: A Copa da Ditadura**. 2006. 51 páginas. Dissertação (Especialização em História) – Pós Graduação, FAFIJA, Jacarezinho, 2006.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **No país do futebol**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

## ANEXOS



1. Quadriga e Biga romanos



2. Abertura da Copa do Mundo de 1978 na Argentina.



3. A dança Argentina denominada Tango, e ao lado a bola utilizada no Mundial de Seleções de 1978, cujo nome é uma referência a está dança.